



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

21 DE DEZEMBRO  
CLUBE DO EXÉRCITO  
BRASÍLIA — DF

DISCURSO DURANTE ALMOÇO  
ANUAL OFERECIDO PELAS FORÇAS  
ARMADAS AO SEU COMANDANTE  
SUPREMO

Meus Camaradas:

Hoje posso avaliar o estado de espírito com que os nossos estimados chefes e meus eminentes antecessores aguardavam o tradicional almoço das Forças Armadas a seu Comandante Supremo.

Este momento fala muito de perto ao meu coração. Restituído mesmo por pouco tempo, ao convívio fraterno dos meus companheiros de farda, vejo desfilar as recordações de quatro décadas da vida de cada um de nós, a serviço de nossa pátria.

Nenhuma outra profissão exige das pessoas que a abraçam tanto desprendimento e tanta dedicação. Tanta desambição e tanto sacrifício — pessoal e da família. Nenhuma outra, ainda, forma amizades tão sólidas e duradouras.

Na estima dos camaradas, no respeito aos superiores, no comando da tropa, na resolução das questões de Estado-Maior, no apoio recíproco forjamos a solidarie-

dade responsável. Da convivência prolongada nasce a compreensão dos problemas individuais e coletivos.

Ao longo de nossa vida profissional aprendemos a colocar nossos ideais e princípios a serviço dos interesses nacionais. Ambições e desmoralizadoras competições pessoais são estranhas ao nosso meio. A dedicação de parte substancial de nosso tempo a receber ou dar instrução habitua-nos a estudar, ponderar, entender, sistematizar e equacionar problemas complexos. Enfim, a orientar toda a nossa atividade profissional pelo prevalecimento do bem coletivo.

Hoje, mais do que em outras épocas, essas virtudes simples são necessárias à Nação. Conduzir o barco do Estado, nesta época de travessia, como a denominou com propriedade o vosso intérprete, General Walter Pires, não é tarefa para tímidos.

Nas contradições de uma conturbada ordem internacional, os brasileiros lutam pela mudança do *status quo*.

Indizíveis angústias e amargores são o preço da quebra dos grilhões do subdesenvolvimento e da sujeição cultural, da subordinação a interesses políticos alheios.

Na afirmação dos valores nacionais, não pode haver transigência com ideologias repulsivas à alma e ao modo de ser dos brasileiros. Na escolha entre a liberdade e a servidão, é preciso estabelecer sem ambigüidades, deixar claro, repetir, reiterar, reafirmar, que nossos problemas sociais — e os temos tantos — só se solucionam num quadro de participação voluntária da sociedade, dentro da democracia com a ordem. Da paz com justiça social. De representação política marcada pela legitimidade.

A sociedade brasileira repele a intimidação como arma de persuasão política. Acredita na convivência franca e leal das diferentes correntes de opinião. Garante o direito das minorias de se fazerem ouvir e de propugnar as reformas que considerarem necessárias. Mas não se compadece com partidos cuja primeira preocupação, chegados ao Poder, é emudecer as vozes, calar os anseios de liberdade e reduzir sociedades necessariamente multifformes a padrões únicos de comportamento. Mais que isso, de pensamento.

Esse quadro, de si infinitamente complexo, é agravado por problemas inteiramente fora de nosso controle. Há anos, os países industrializados exportam sua inflação para os países mais pobres. Desde 1973, os países exportadores de petróleo — até então simples e inermes espectadores da exploração predatória de suas reservas — descobriram o valor daquela matéria-prima essencial, descobriram, mais, que a humanidade havia construído uma sociedade de consumo, cuja prosperidade assentava na razão inversa dos preços do óleo bruto.

No plano individual de alguns países importadores, o impacto do crescimento acelerado dos preços foi devastador. O Brasil vem fazendo desde então sacrifícios quase insuportáveis. Basta lembrar que o preço médio do óleo cru de menos de 2 dólares por barril, em 1973, subriu para cerca de 25 dólares, na atualidade. Só este ano, o aumento foi de 50%, sobre os preços médios de 1978.

Entretanto, com criatividade e coragem, estamos agindo simultaneamente em várias frentes para superar obstáculos. Estamos conseguindo exportar cada vez mais, embora vejamos todo o nosso esforço consumido nas importações de petróleo.

Estamos resolutamente na batalha dos combustíveis alternativos, a partir de fontes nacionais renováveis.

Estamos investindo maciçamente em meios de transporte que economizam combustíveis.

Vamos dar também ao carvão nacional um papel decisivo nessa guerra.

Tudo isso, porém, leva anos e exige recursos fora e acima da nossa capacidade interna de poupança. Temos, portanto, sérios problemas em nosso balanço de pagamentos.

Na verdade, mais do que simplesmente resolver os problemas decorrentes da crise energética, estamos investindo no Brasil. Com todas as dificuldades a produção industrial brasileira não deixou de aumentar. Conseguimos participação crescente nos mercados mundiais de produtos sofisticados, inclusive navios, aviões e material bélico em geral.

A agropecuária responde com entusiasmo aos estímulos para produzir mais alimentos e excedentes exportáveis, a despeito de obstáculos imprevisíveis, como as irregularidades do tempo e do clima.

Apesar de uma taxa de urbanização sem paralelo em nossa História, estamos conseguindo expandir os serviços públicos essenciais ao conforto e à qualidade de vida de nossa gente.

Estamos adequando a educação ao trabalho, para que nossas universidades não sejam fábricas de profissionais frustrados, e continuamos a levar a assistência médica e social aos locais mais distantes, às populações mais carentes.

Estamos empenhados em simplificar e desburocratizar a administração, como requisito de desenvolvimento

e em respeito aos interesses legítimos dos que precisam lidar com o Governo. Principalmente os mais humildes e desprotegidos.

Em todo esse processo, pude manter e pôr em execução os compromissos do candidato, com o aperfeiçoamento político nacional. Não nos podemos esquecer de que a Revolução de 1964 foi feita justamente para restabelecer a democracia — ameaçada pelas investidas dos que desejavam sujeitar a Nação ao domínio da subversão, sob comando de ideologia repudiada definitivamente em 1935.

Não hesitei, portanto, em abrir o processo político, buscando a conciliação de todos os brasileiros. Com ânimo decidido, percorri todo o Brasil de ponta a ponta, para ver e sentir o povo. Dediquei-me ao contato direto e pessoal. Apertei as mãos, vi as faces, ouvi palavras sinceras e juntei meu coração aos de milhares de brasileiros, nas praças públicas, nas escolas, nos estádios.

E porque fiz tudo isso, pude promover a legislação para reintegrar na vida política, através da anistia, os que dela estavam afastados. Esse gesto de conciliação, e tolerância foi apoiado por toda a Nação. Deve ser entendido em toda a sua vasta amplitude, como um convite à integração e ao convívio na sociedade. Mas exige o respeito às leis e a participação ativa no processo da democratização. Não o uso das franquias legais para destruir a sociedade, comprometer a ordem pública ou perturbar a incontestável vocação dos brasileiros para criar e produzir.

Prossegue a abertura política com a reformulação partidária. Com as novas agremiações que ora surgem, o Brasil construirá um corpo político viável.

Seu funcionamento, sem sobressaltos, estará na dependência do compromisso de todos os brasileiros de manter o pacto social e político, representado pelo arcabouço de princípios e leis em vigor. Não considero os institutos políticos obras imutáveis. Seu aperfeiçoamento constante dependerá, naturalmente, do consenso nacional. Mas consenso não é a voz das minorias, por mais ruidosas e agressivas que sejam.

Quero, como já disse tantas vezes, uma democracia real. Aquela que meu pai me ensinou. Sem subversão. Sem extremismos, de esquerda ou de direita. E tenho certeza de que vamos consegui-la, sem açodamento e sem retrocessos.

E, sobretudo, com maior participação das comunidades nas discussões dos assuntos de interesse de todos.

Nesse contexto, as Forças Armadas continuam em sua insubstituível função de garantir os poderes constituídos, manter a lei e a ordem, velar, enfim, para que os brasileiros tenham assegurados seus direitos e a tranquilidade necessária ao trabalho engrandecedor.

Por isso, temos de preservar nossa capacidade de corresponder àquelas responsabilidades. Devemos concentrar-nos, como estamos fazendo, na modernização dos meios necessários ao adestramento dos quadros e da tropa, à formação e aperfeiçoamento dos nossos recursos humanos, a maior riqueza com que contamos.

Acompanho, portanto, com grande interesse, a uniformização de procedimentos nas três Forças Armadas, a crescente nacionalização dos equipamentos, e o estímulo à pesquisa e ao desenvolvimento, melhorando-se a rentabilidade da produção industrial.

Na época presente, é importante, também, assegurar nossa independência em relação aos equipamentos essenciais à defesa nacional.

São essas, meus Camaradas, as observações que desejava fazer, neste apagar de luzes dos anos 70.

Isso, e a renovação da minha confiança, do meu apreço pessoal, e da sincera amizade que dedico a cada um de vós, como companheiro, e a todos vós, comunidade de brasileiros dignos e patriotas.

Minha mulher junta-se a mim para desejar-vos e às vossas famílias um bom Natal e um Ano Novo cheio de felicidade e alegria, que se prolonguem pelos anos 80 afora.

Muito obrigado.